

Alfredo dos Santos Oliva

Os símbolos de Cristo e do Diabo
no Cristianismo primitivo



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

SUMÁRIO

Agradecimentos 9

Apresentação 11

Introdução 15

1. Carl Gustav Jung e a psicologia analítica 21

2. Os atos apócrifos dos apóstolos em seu contexto 49

3. Uma reflexão sobre os símbolos de Cristo e do Diabo 57

Considerações finais 99

Bibliografia 105

AGRADECIMENTOS

Quero fazer vários agradecimentos e deferências às pessoas e instituições que contribuíram do ponto de vista acadêmico e operacional para que a pesquisa que originou este livro fosse levada a termo. Faço isso sempre com a perspectiva de que estou indicando auxílios e incentivos recebidos e não responsabilizando terceiros/as por eventuais imprecisões que eu tenha cometido.

Em primeiro lugar, devo expressar gratidão à Universidade Estadual de Londrina (UEL), que me concedeu licença remunerada para eu me dedicar exclusivamente ao pós-doutorado e à pesquisa inicial que, mais tarde, originaria e escrita deste livro. Sem um tempo totalmente livre de minhas atividades de docência e orientação, eu não teria conseguido realizar a tarefa de pesquisa e escrita com tanto esmero.

Sou muito grato também à Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), onde realizei o pós-doutorado que deu origem à pesquisa que eu, em um momento posterior, utilizaria para escrever este livro. Destaco, de forma especial o Dr. Paulo Augusto de Souza Nogueira, que foi meu supervisor, com quem descobri os Atos Apócrifos dos Apóstolos, fonte fundamental para a pesquisa cujos resultados parciais apresento aqui.

Por fim, aos meus familiares imediatos. À minha esposa, Marcia de Mello Oliva, minha companheira e fonte de inspiração para tudo. Aos meus filhos, Filipe de Mello Oliva e Isabelle de Mello Oliva, minhas razões de viver

APRESENTAÇÃO

Como já indiquei nos agradecimentos, este livro começou a ser concebido a partir das pesquisas que realizei durante o tempo em que estive em licença para realizar um estágio pós-doutoral na UMESP, na área de Ciências da Religião. Nunca tive tanto tempo para me dedicar exclusivamente à pesquisa e à escrita. Espero que o fruto que ora apresento faça jus à energia que dispendi ao longo de alguns meses de afastamento.

Este trabalho de pesquisa permitiu que me enraizasse no conhecimento prévio que tinha dos textos do Novo Testamento e da obra de Carl Gustav Jung. Mas, também, possibilitou me dedicar ao estudo e aprofundamento de uma fonte que era totalmente desconhecida há poucos anos, os Atos Apócrifos dos Apóstolos. Quando fazia o pós-doutorado entre os anos de 2015 e 2016, mal podia imaginar que me encantaria não apenas com os Atos Apócrifos dos Apóstolos, mas também com a Psicologia Analítica, de modo que voltaria a cursar a graduação em Psicologia em 2023 com o intuito de atuar como analista junguiano em um futuro bem próximo.

Se cheguei ao pós-doutorado é porque tenho uma carreira acadêmica e uma vida de docência prévias. Fiz doutorado na UNESP, Assis-SP, na área de História, com uma tese que abordou o discurso sobre o Diabo na Igreja Universal do Reino de Deus, em perspectiva foucaultiana.

Frequentei dois mestrados. O primeiro em Teologia, no Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, com dissertação sobre o papel da *Torah* no período medo-persa. O segundo foi em Sociologia, na Universidade Federal do Ceará, com pesquisa realizada sobre a Igreja Universal do Reino de Deus e seus demônios, com abordagem antropológica, com dois anos de frequência aos cultos e pesquisa de campo na Catedral da Fé da Cidade de Fortaleza.

Passei por duas graduações e atualmente retomei um velho projeto de adolescência de me graduar também em Psicologia, tarefa que estou

em vias de concluir proximamente. A primeira graduação concluída foi em Teologia, no extinto Seminário Teológico de Londrina, com trabalho final no qual elaborei uma exegese do livro do Gênesis, capítulo 3, e, também, quando dissertei sobre o conceito de pecado e de pecado estrutural. A segunda graduação concluída foi em História, na UEL, onde passei também a trabalhar faz quase vinte anos (2025). Como na época quem escolhia cursar licenciatura não fazia trabalho de conclusão de curso, fui iniciado na pesquisa historiográfica apenas a partir de pequenos trabalhos semestrais.

Ingressei na docência logo que terminei a graduação em Teologia e enquanto terminava a de História no ano de 1992. Por isso, comecei minha trajetória como professor de ensino religioso em turmas do Ensino Fundamental e Médio em uma escola particular da cidade de Londrina, Paraná. Assim que terminei a segunda graduação, passei a dar aulas de História para o Ensino Fundamental e também na graduação em Teologia, no mesmo seminário onde estudei.

Após dois anos de docência, comecei a lecionar exclusivamente na graduação em Teologia. De modo que hoje tenho dois anos de experiência como professor de ensino religioso para crianças e adolescentes, quinze em aulas de Teologia para graduandos e mestrandos e quase vinte na área de História, o que inclui graduação, especialização e mestrado.

Como se pode notar, minha formação acadêmica e experiência profissional se deram no campo de interseção entre a Teologia e a Historiografia. Na primeira área eu era um especialista em Bíblia, mais especificamente em Antigo Testamento. Chamam o/a estudioso/a das Escrituras de biblista, campo de atuação que sempre me agradou muito. Quando ingressei no Departamento de História da UEL, através de concurso público, minha subárea passou a ser a Teoria da História e imaginei que teria que encerrar minha carreira como estudioso da Bíblia.

Com o passar do tempo, percebi que havia muito em comum entre o que alguns especialistas em História Antiga faziam e a minha atividade como perito nas Escrituras Sagradas. O motivo final para que retornasse à área de pesquisas sobre a Bíblia me foi dado através da leitura dos

últimos cursos de Michel Foucault, exatamente os que tratavam da ética do cuidado de si e da *parrhesia*. Vi o filósofo e teórico da história analisando a prática da “coragem da verdade”, uma das muitas possíveis traduções do termo grego acima, no âmbito da filosofia greco-romana antiga, esbarrando, inclusive, no cristianismo primitivo.

Comecei a pesquisar o tema da *parrhesia* em Foucault, quando descobri que o termo aparecia no Novo Testamento dezenas de vezes. Assim, comecei também a explorar os textos canônicos gregos e, desde então, não parei mais.

Já fazia algo em torno de três ou quatro anos que pesquisava o tema da *parrhesia* no Novo Testamento, quando uma colega da UEL me convidou para ir a São Bernardo do Campo, na UMESP, para participar de um seminário de pesquisa de um grupo chamado Oracula, que havia começado a analisar os Atos Apócrifos dos Apóstolos. A partir de, então, comecei a frequentar os encontros do grupo por vários anos, até a sua extinção. Foi dessa relação que me ocorreu fazer um pós-doutorado sob a supervisão do coordenador do referido grupo de pesquisa.

Fiz o pós-doutorado sobre o tema da coragem da verdade no cristianismo primitivo, o que resultou em outras publicações, mas tive oportunidade iniciar à época a pesquisa que daria origem também a este livro, dedicado aos símbolos de Cristo e do Diabo, a partir da Psicologia Analítica cujo criador foi C. G. Jung, mais uma velha paixão intelectual.

As fontes que eu pesquisava eram muito ricas e interessantes e senti necessidade de ir além do tema da coragem dos cristãos e cristãs antigos, de modo que aproveitei para pesquisar também a visão que tinham de Jesus e de seu opositor. Por sugestão de meu supervisor, que me pediu que preparasse algumas aulas sobre os Atos Apócrifos dos Apóstolos, desde uma perspectiva junguiana, é que frutificaram os primeiros germes deste livro que ora apresento. Espero que gostem!

INTRODUÇÃO

O cinema exerce no mundo contemporâneo um papel similar ao que a mitologia desenvolvia no mundo antigo, o de encenar publicamente uma série de enredos armazenados no nosso inconsciente. A indústria cinematográfica manipula uma diversidade de temas mitológicos que fascinam a mentalidade coletiva dos dias de hoje.

Sou fã da série de filmes “Star Wars”. A primeira evidência disso é que tenho dois gatos e uma gata, sendo que ela se chama Leia Skywalker, a princesa que é irmã do mais importante protagonista dos filmes. Sabemos que há uma trilogia original da série. Alguns anos depois, foi criada uma nova tríade. Mais recentemente, outra sequência foi produzida. O primeiro filme desta última tríade foi lançado em 2015, o segundo em 2017 e o terceiro em 2019. Em 2016 foi rodado no cinema um filme avulso da série. E, a partir daí, começaram a ser produzidas sequências seriadas e agora não podemos mais imaginar quantos outros filmes avulsos ou séries poderão vir nos próximos anos. O fato é que Star Wars é um sucesso mundial e há razões bastante plausíveis para isso.

Os seis primeiros eventos da história interplanetária narram a vida de um personagem muito especial: Darth Vader. Mesmo no mais recente conjunto da saga, o guerreiro das trevas é mencionado e o novo vilão é um descendente seu. Ainda que tenha morrido no episódio seis, ele ainda permanece “vivo” na memória de seus descendentes e admiradores, além de continuar a ser um parâmetro a ser alcançado por Kylo Ren, o seu jovem substituto maldoso.

Sou fascinado por Darth Vader. O que mais me chama a atenção nos seis primeiros filmes da série, é que ele é o centro da história, mesmo sendo um vilão. As narrativas filmicas de um a três da série mostram como ele se transformou, de uma criança prodígio e inocente, em um forte e poderoso cavaleiro jedi.

Ele foi treinado para conhecer e fazer uso do lado luminoso da força e ser um herói da galáxia. Havia uma profecia que dizia que ele

era o escolhido que viria a trazer um equilíbrio entre os lados claro e escuro da força. Mas o terceiro episódio mostra como ele foi cooptado pelo lado sombrio e deixou de ser o projeto de herói Anakin Skywalker para se tornar o execrável Darth Vader.

Entre os episódios quatro a seis da sequência, ele se tornou o principal antagonista da narrativa, representando o papel de um vilão poderoso, superado em força e astúcia apenas pelo Imperador do Mal, de quem se tornara um submisso aprendiz. O sexto capítulo da fábula tem um título revelador: “O retorno de jedi”. Darth Vader, um homem obscuro, juntou-se a seu filho, Luke Skywalker, para derrotar o Soberano do Mal, ou seja, o ex-jedi, voltou para o lado brilhante da força e, logo depois, morreu.

O interessante sobre essa instigante personalidade é o fato de que, nos três primeiros episódios, ele é um ídolo sempre ameaçado pela cobiça e paixões, o que desperta o seu potencial para ser seduzido pelo lado nebuloso da força. Em contrapartida, nos três episódios seguintes, passa a ser um antagonista cujo coração nunca conseguiu excluir totalmente a bondade, tanto é que sucumbiu aos apelos do seu filho para se juntar a ele para derrotar o Monarca do Mal. Para usar uma linguagem junguiana, eu diria que Anakin Skywalker viu sua sombra emergir de seu inconsciente e sua consciência nada pôde fazer. O arquétipo, que constelava o inconsciente coletivo, adquiriu uma forma personificada e autônoma, passando a assumir o controle de seus pensamentos e ações, tornando o bom Anakin Skywalker no malicioso Darth Vader!

Essa legenda nos mostra fatos que são comuns a todos os seres humanos: (1) Somos bons e maus simultaneamente; (2) A nossa sombra (dimensão reprimida da nossa personalidade que encontra continuidade em um arquétipo do inconsciente supra pessoal) pode passar a nos controlar, por breves ou longos períodos. Fazemos um grande esforço para que nossa bondade seja exposta publicamente, ao mesmo tempo em que recalamos a maldade que habita em nosso interior. Muitas vezes nossa afabilidade predomina, mas podemos também ver aflorar, ainda que a contragosto de nossa consciência, a crueldade que está armazenada em nosso inconsciente. Estes fatos, e tantos outros,

foram identificados e demonstrados empiricamente por C. G. Jung, como tentaremos demonstrar nas próximas páginas.

Para começar pelos símbolos que serão explorados ao longo deste trabalho, eu diria que Jung achava que Jesus e o Diabo formavam um par de opostos presentes na unidade divina original, assim como Luke e Vader são uma só pessoa. Houve, todavia, uma ruptura entre ambos antes que o Filho de Deus iniciasse o seu ministério público. Para o psicólogo analista, em sintonia com o que pensavam os antigos gnóstico-cristãos, o Filho de Deus e Lúcifer eram irmãos gêmeos que se apartaram apenas em um determinado momento.

Os/as seguidores/as ortodoxos/as de Jesus viriam a negar este fato desde tempos remotos, mas outra versão ancestral do cristianismo, que pode ser denominada de gnóstica, insistiu em continuar a vê-los como uma unidade original, dissociada somente posteriormente. Para corroborar este último ponto de vista, o relato do Evangelho de Mateus mostra o Redentor resistindo e exorcizando o Pai da Mentira, que teimava em tentá-lo a ser poderoso e rico ou a usufruir, em benefício próprio, dos seus atributos divinos. Quando o Salvador disse um sonoro não ao Devorador, eles se separam de uma vez por todas, isso em acordo com a interpretação gnóstica dos fatos, versão que foi ratificada por Jung. Vejamos isto narrado pelas palavras do próprio psiquiatra suíço:

Por outro lado, temos – por parte do Pai da Igreja Irineu de Lyon no início do século III – o relato da teologia gnóstica que pressupunha que Cristo nasceu sim com uma sombra, mas que destacou esta sombra de si e daí em diante viveu sem sombra. Porém, não nos é transmitido o que segundo a concepção desses gnósticos aconteceu com esta sombra destacada. Através das narrações do evangelho, podemos, entretanto, concluir que se trata do diabo em pessoa, pois segundo o relato do evangelho ele se separou do diabo: “Vai-te Satanás!” [Neste ponto, a nota de rodapé cita Mateus 4,10] Desse modo se separou definitivamente da metade escura.¹

A explicação para esta proximidade primordial entre Cristo e o Diabo é sustentada pelo psicólogo analista em função de ambos terem símbolos comuns para designar quem são e como agem, o que me parece um argumento bastante razoável.

No caso destes [os gnósticos] então fica claro que Cristo nasceu sim com uma sombra, mas destacou essa sombra de e dessa sombra surgiu o diabo. Por isso, precisamos contar com a possibilidade de existir uma ideia original, isto é, um “sous-entendu” [subentendido], notadamente, uma disposição *inconsciente* – que está relacionada à natureza de Javé, o Javé do Antigo Testamento – de que Cristo originalmente *também* é uma “coincidentia oppositorum”, uma coincidência dos opostos, uma união ou unidade dos opostos. Esta então se cinde em dois através de um ato da, por assim dizer, decisão ética. O outro então seria o “irmão escuro”. A história dos símbolos nos indica que isso coincide com o fato de Cristo e o diabo terem toda uma série de símbolos em comum. Por exemplo: o diabo é o “leão” e Cristo é o “leão”. “Leo de tribu de Juda” ou “ele anda em volta como um leão que rugir”, procurando a quem devorar. Ou a águia. Ou a “Stella matutina”, que é a estrela d'alva, Lúcifer. Ambos são “lúcifer”.²

Sei que coloco meus leitores e leitoras diante de temas complexos e polêmicos, mas prometo que me esforçarei ao máximo para tornar todos os dados, que apresento de forma apenas introdutória e alusiva agora, os mais bem explícitos e detalhados que puder nas próximas páginas.

Para levar esse projeto a termo, elaborei um roteiro: (1) Começarei com uma apresentação das principais ideias e conceitos do pensamento de C. G. Jung; farei isso ao demonstrar como funciona, globalmente, a sua Psicologia Analítica; (2) Em seguida, introduzirei os textos antigos que servirão de base empírica para a análise que será feita a partir dos pontos de vista da Psicologia Analítica; apresentarei alguns dados iniciais sobre os Atos Apócrifos dos Apóstolos, fontes primárias

gnóstico-cristãs dos séculos II e III d.C.; (3) Por fim, vou me dedicar a explorar os dois símbolos que dão título a este texto, Cristo e o Diabo; na análise, citarei alguns exemplos de aparição dessas insígnias nos Atos Apócrifos dos Apóstolos para, em seguida, esmiuçá-las a partir de um cruzamento com menções dos mesmos nos escritos do psiquiatra suíço.

Devo, ainda, dizer que por muito tempo resisti a escrever sobre C. G. Jung porque a leitura das suas obras se iniciou a partir de um desejo de autoconhecimento e lazer. Confesso que tive medo de me enfasiar de minha diversão ao torná-la objeto de trabalho profissional. Mas o efeito foi justamente o contrário, levei o passatempo para o campo dos afazeres e descobri uma fonte de prazer mais intensa ainda, pois tive que ler meu admirado autor com muito mais tenacidade. Embora tenha me dedicado ao estudo da Psicologia de forma geral e à Psicologia junguiana de maneira particular, sou primariamente um historiador fazendo experimentos no universo conceitual junguiano e assim gostaria de ser reconhecido, com todo ônus ou bônus que isto possa acarretar.